PROPÓSITOS SUBJACENTES À CONSTRUÇÃO E RECONSTRUÇÃO DA IMAGEM SOCIAL DOS BRASILEIROS – SÉCS. XIX E XX

Maria Beatriz Rocha-Trindade

EM JEITO DE APRESENTAÇÃO – GENTES E TERRITÓRIO

No quadro da mobilidade populacional portuguesa as migrações têm constituído desde sempre uma permanência que, aliada ao seu volume e à sua dispersão, nos leva a reconhecer a existência de uma diáspora, conhecida como Diáspora Portuguesa.[1] As diversidades dos espaços geográficos de fixação no estrangeiro, ocupados pelos que deixaram o país e o avolumar dos que residem fora dele, aliam-se à manutenção do sentido de pertença cultural à origem. O respeito por muitos dos valores que por herança lhes foram transmitidos tem tido continuidade e a multiplicidade de formas que se têm vindo a manifestar, deve-se à espessura do tempo que atravessam e às vivências dos que as suportam, o que condiciona a forma como tais sentimentos vão sendo expressos.

À expansão para o Oriente seguiu-se a travessia do Atlântico, onde o Brasil ocupou desde o séc. XVI um papel atrativo no encaminhamento dos Portugueses que procuraram o território correspondente ao atual Brasil, que nele se continuaram a manter e onde claramente ocupam uma posição de relevo. Os que para aí se dirigiram em fluxos ininterruptos, embora com volume e ritmos diferentes, deram visibilidade a um primeiro ciclo de mobilidade intencional que se desenvolveu após o seu "achamento". Entre Portugal e Brasil, como colónia ou como país independente, veio a estabelecer-se um relacionamento de natureza e configuração diversas no que respeita à organização política de cada um dos países envolvidos, ao desenvolvimento económico que caracteriza cada época, à hierarquização e dinâmica existente nos respectivos quadros social e cultural.

---

1 Diáspora é um conceito aplicável às migrações portuguesas, que se caracteriza "/.../ pela continuidade secular da sua realimentação; pela dispersão agrupada em conjuntos e em comunidades que a constituem; pelos contactos que entre si mantêm; pela pertença comum de que se continuam a reclamar; pelos laços que perduram com terras e regiões de origem e pelo Estado que ancestralmente consideram como seu." MBRT, 1997, pp. 9-33.
A autora tem trabalhado o tema desde há vários anos e sobre ele publicado diversos textos. Vd. "Sociologia das Migrações", (cap. 5.2) *As Grandes Diásporas*, 1995, pp. 141-145; "Intelectuais e Artistas Portugueses no Brasil: a emergência do talento", in *Separata de Revistas das Comunidades de Língua Portuguesa* [1997]; "Diáspora: Um conceito aplicável à realidade portuguesa", in *Comunidades de Língua Portuguesa, Revista Cultural dos Países de Idioma Português*, 2001, p. 37-50; "Diáspora: Denotação, Evolução Histórica e Funcionalidade Política = Diaspora: Denotation, Historical Evolution and Political Functionality", in *Anúario do Centro de Estudos de História do Atlântico*, 2009, 16 p. + 1 disco óptico (CD-ROM).

A imensidão e a diversidade do espaço territorial do Brasil permitiu a fixação de sucessivas vagas populacionais de elementos que, encontrando-se inicialmente na situação de povoadores, passaram posteriormente a assumir o papel de colonizadores e a partir de 1822 - ano da Independência - finalmente a ser considerados imigrantes.

No âmbito do extenso panorama migratório português a este primeiro ciclo de notória visibilidade, evidente numa representação gráfica que traduz o volume e a evolução cronológica dos fluxos de saída, que tem vindo a ser designado "Ciclo Atlântico", veio a suceder-se uma nova curva ascendente que traduz os valores do "Ciclo Europeu", em que os números excedem os que se alojam no anteriormente referido, integrando qualquer deles uma significativa percentagem de ilegais, de peso quase equivalente aos que partiram em situação regular.

Os Ciclos da Emigração Portuguesa (1900 – 2005)

EMIGRAÇÃO LEGALEMIGRAÇÃO ILEGAL

A posição do Brasil, dada a proeminência que reveste, só vem a ser comparada em data muito posterior e já na segunda metade do séc. XX a França, sendo qualquer dos dois países situados um na América e outro na Europa, considerados como os grandes destinos receptores da emigração portuguesa, posição que continuam a ocupar,[2] Mantendo a reserva que deve ser feita relativamente a qualquer apuramento de dados estatísticos, com regras de registo divergentes entre si poderemos, no entanto, servir-nos de diferentes fontes documentais que forneçam indicação disponível sobre a população portuguesa residente no primeiro dos países indicados, o que foi por nós escolhido na análise que se segue, para assim melhor poder avaliar a importância e a dimensão do fenômeno.

2 Os dados apresentados pelo Observatório da Emigração/MNE, atualizados em 2011, continuam a colocar o Brasil e a França como os principais destinos da emigração portuguesa no primeiro decénio do séc. XXI. A França conta atualmente com 580.240 e o Brasil com 213.203 portugueses.

Faz-se notar que no âmbito da informação sobre este assunto alinham-se tanto os dados provenientes de fontes oficiais, de natureza quantitativa, como os de natureza qualitativa, não menos importantes, que provêm da consulta complementar feita pela leitura de livros, publicações e análise de imagens da época. A articulação de uns e de outros permite, como se sabe, levantar novas hipóteses, preencher as lacunas existentes, possibilitando trazer esclarecimentos sobre o que era então conhecido e contribuindo para o avanço e aprofundamento do conhecimento sobre este tema específico.

O Censo do Brasil de 1920, por exemplo, enquanto registo oficial, indica serem 433.577 os Portugueses que então aí residiam legalmente. Muitos autores da mesma época, entre os quais são nomeados os clássicos: Affonso Costa (1911), Fernando Emygdio da Silva (1917), Nuno Simões (1934), entre outros que da mesma forma se dedicaram ao estudo desta matéria, apresentam dados numéricos que por vezes se sobrepõem e nem sempre são coincidentes, mas que oferecem uma preciosa informação sobre o volume da população portuguesa expatriada. A avaliação em números absolutos ou numa perspectiva de avaliação relativa, se for tida em conta a presença de outros estrangeiros residentes no Brasil, permite conhecer e confirmar o peso e a visibilidade da presença portuguesa.

Mais próximo de nós, um grande sociólogo brasileiro, Manuel Diégues Júnior, reconhecido autor de: *Imigração, Urbanização e Industrialização*, editado no Rio de Janeiro em 1964, um estudo sobre alguns dos aspectos da contribuição cultural do imigrante no Brasil, detém-se longamente sobre a evolução temporal da população estrangeira residente no seu país e transmite que: "Entre 1920 e 1930 entram no Brasil 909.126 imigrantes, sendo os portugueses o grupo étnico que maior presença acusa /.../ Os decénios de 1920/1929 e 1930/1939 haviam sido de grande incremento da imigração no Brasil."[3]

As relações estabelecidas entre os dois países quando o contato e a interação ocorriam, melhor dizendo, quando se estabeleceu o relacionamento social entre os seus naturais num espaço vivencial partilhado que proporcionava o confronto das respectivas personalidades, plenas de singularidade, abriram o caminho para a articulação que se impunha realizar, conduzindo à riqueza da organização social complexa que hoje as caracteriza. Tal constitui o fruto de circunstâncias históricas peculiares, em que os Portugueses constituíram, cronologicamente, a primeira raiz europeia da atual população do Brasil, logo caldeada com as duas outras raízes estruturais, a índia e a africana, progressivamente miscigenadas com os elementos estrangeiros que de outras proveniências nacionais chegaram àquele tão promissor destino.

3 DIÉGUES JUNIOR, 1912-1991: 56-57. Os dados apresentados pelo Observatório da Emigração/MNE, atualizados em 2011, continuam a colocar o Brasil e a França como os principais destinos da emigração portuguesa no primeiro decénio do séc. XXI. A França conta atualmente com 580.240 e o Brasil com 213.203 portugueses.

Com o devir de tempos subsequentes, a Colónia veio a transformar-se, tendo mesmo chegado a ser sede de um reino comum, que um pouco mais tarde veio a ganhar autonomia, tornando-se por fim um país independente. Ao longo de todo esse processo foram sendo deixadas profundas marcas de língua, de cultura, de instituições e de hábitos com génese lusitana, aos quais os cidadãos do novo Estado do Brasil chamaram naturalmente seus, pelo direito de posse que deles detinham. Por ser considerada natural, não foi essa herança nem debatida nem questionada; mas não deixaram de fazer parte da memória coletiva as injustiças dos homens e dos governos, ao longo de todo o tempo em que foi exercida a soberania portuguesa (e só a contragosto perdida) sobre as terras do Brasil. Recordações tristes e más, de certo, por isso mais lembradas. Virada essa página de História, os Portugueses que optaram então por ficar no Brasil como país independente passaram *de jure* a ser cidadãos brasileiros.

Portugueses em Território Brasileiro – Dados Oficiais 1929			
	Total	Homens	Mulheres
Piauhy	72	53	19
Rio Grande do Norte	89	70	19
Sergipe	137	104	33
Parahyba	144	116	28
Alagôas	260	199	61
Ceará	325	253	72
Goyaz	334	249	85
Santa Catarina	556	454	102
Maranhão	687	598	89
Matto Grosso	1.572	1.315	257
Espírito Santo	1.900	1.455	445
Paraná	1.988	1.542	446
Bahia	3.679	2.862	817
Pernambuco	5.289	4.132	1.157
Amazonas	8.376	6.103	2.273
Rio Grande do Sul	9.324	7.249	2.075
Pará	15.631	12.382	3.249
Minas Geraes	20.050	14.753	5.297
Rio Janeiro	31.527	23.547	7.980
Districto Federal	272.338	201.429	70.909
São Paulo	281.418	201.428	79.990
Total	655.696		
Fonte: *Álbum da Colónia Portuguesa no Brasil*			

Mais um século foi passando e mais Portugueses continuaram a demandar o Brasil, em regra não como senhores ou gente de posses, mas na sua grande maioria como imigrantes humildes, apenas ricos em esperança. Vindos, sobretudo, do Norte de Portugal (Região de Entre Douro e Minho) e dos Açores, foram-se espalhando por todo o território do Novo Estado como pescadores, agricultores ou empregados do comércio.[4]

De origem campesina, em maioria com fracos ou nenhuns estudos, estas gentes labutaram e progrediram nas suas vidas fixando-se, em grande parte com visível sucesso, no seu novo país de adopção, mas muitos outros - os que a História não lembra foram ignorados e caíram no esquecimento. Os regressos existiram também, mas podem considerar-se como diminutos, se avaliados em valor relativo.

Não deve ser esquecido, no entanto, que no âmbito das migrações de Portugueses, para o Brasil, se encontram os que possuíam outro estatuto económico e social: homens políticos, artistas e intelectuais nele procuraram acolhimento, movidos pelas afinidades que lá encontravam com as suas ideias ou com os seus valores. Acresce que esse mesmo *status* algo privilegiado lhes não conferia, formalmente, a qualidade de imigrantes nem ao retrato que deles se fazia; e que, dada a sua proximidade com as elites brasileiras, não eram sequer tidos como estrangeiros, pois que partilhavam a mesma língua e, em grande medida, a mesma cultura.

Curiosamente, esta prolongada e intensa vaga de imigração portuguesa no Brasil quase tem sido ignorada em estudos sobre a população brasileira, se considerada globalmente: tudo se passa como se, para os estudiosos, não houvesse distinções de fundo entre os recém-chegados Portugueses e os Brasileiros portadores daquela mesma origem ancestral. No quadro universitário, pode dizer-se ser relativamente recente o aparecimento dos trabalhos que sobre o tema incidem e se encontram em curso.

O *BRASILEIRO* – A UTILIZAÇÃO DO CONCEITO

Durante o séc. XIX o emigrante português estabelecido no Brasil era em Portugal alvo de uma dualidade crítica e tanto podia ser considerado como um verdadeiro vencedor, sobretudo ao nível da terra natal onde procurava regressar após um desejado êxito, como também podia ser identificado como alguém que abandonara injustificadamente o seu próprio país, movido pelo estrito interesse material, na expectativa de alcançar um estatuto social elevado. Tendo-se sujeitado a realizar trabalhos pesados e vivido não raras vezes relacionamentos sociais humilhantes, que davam lugar a desadequadas críticas, os que, em vez de valorizar os grandes esforços desenvolvidos fora do país, criticavam quem os realizava,

4 SERRÃO, 1972; ARROTEIA, 1983).

mostravam não compreender nem as situações nem os tão grandes sacrifícios que não raras vezes sofriam os que estavam lá fora.[5]

Efe,ctivamente, ao percorrer muitas das povoações do Norte de Portugal, saltam à vista edifícios que contrastam com a modéstia das construções envolventes: num espaço amplo, delimitado por muros e gradeamentos, com jardins bem delineados e frondosos, erguem-se construções de dois ou mais andares, de traça elaborada e revestidos de materiais ricos. São localmente conhecidas como "Casas de Brasileiros" e, assumindo frequentemente a qualidade de palacetes, acabaram por representar, no seu conjunto, uma forma arquitetônica própria, típica, embora excêntrica, na paisagem portuguesa.

Através da construção da casa com que sonhara, cuja realização foi muito vezes criticada, tanto diretamente como através da literatura da época, o mesmo acontecendo[6] também por vezes em relação às valiosas contribuições prestadas tanto na implementação de instituições locais de carácter social e cultural como pelo suporte dado a projetos de nível nacional, a figura do emigrado que conseguiu enriquecer assumiu um recorte específico na sociedade portuguesa da época. Constituindo, como acima foi dito, tanto objecto de um reconhecimento público que valorizou a notoriedade alcançada[7] como tendo sido objecto de injustas críticas que desvalorizaram o seu estatuto, os emigrantes foram apelidados de *Brasileiro*,[8] designação que os posicionava num quadro social próprio. Estes *Brasileiros* constituíam segundo D. António Costa (1874) "... entre as classes aristocraticas e as populares /.../ uma entidade que tem logar distincto e que representa um elemento notavel. É o brazileiro.

Não são conhecidos senão por brasileiros os nossos compatriotas das provincias do norte, que, indo ao Brasil grangear haveres pelo seu trabalho, regressam à pátria. Desconhecer que o brasileiro está representando no progresso minhoto um papel característico seria faltar ao que se deve á observação, e até uma injustiça. Nem podia deixar de o representar, averiguado que

---

5 *Emigrantes*, um livro de Ferreira de Castro, editado em 1928, cuja reedição tem sido repetida (a 25ª e última edição data de 1996 e uma nova encontra-se em andamento) constitui um paradigma da emigração portuguesa para o Brasil. Transmitindo a motivação para partir, as expectativas de sucesso e a "obrigatoriedade" sentida pelo próprio emigrante, que se vê obrigado a abandonar a aldeia de origem para não demonstrar publicamente a não concretização dos seus anteriores objetivos de partida é-nos feita pelo retrato do itinerário seguido pela personagem central *Manuel da Bouça* (Manuel Joaquim dos Santos). Este emigrante apresenta um perfil psicológico honesto, nem positivo nem negativo: apenas e essencialmente humano. Neste livro é analisada a condição do homem português, o eterno emigrante. Castro procura desconstruir o imaginário então existente sobre as saídas e estadia no Brasil e denunciar a exploração económica que se verificava.

6 D. António da Costa (1874: 273-278) escreve sobre as personagens dos Brasileiros e, entre algumas das realizações que refere, menciona os palacetes construídos no Minho.

7 vd. *Portugal-Brasil. Migrações e Migrantes*, 2000:107-149 (Capítulo "Os Nobilitados").

8 No intuito de não confundir a designação de *Brasileiro* aqui assumida com a da pertença nacional que utiliza a mesma palavra, referimos esta designação impropriamente utilizada para lembrar o apelido atribuído àqueles que emigraram de Portugal para o Brasil no século XIX.

regressa anualmente um grande numero dos nossos antigos emigrados, e que, também anualmente, sobem a três mil contos de réis as quantias que entram em Portugal conquistadas pela emigração "... O brazileiro invade assim a sua provincia, e imprime-lhe um certo cunho especial."

Quem eram então os *Brasileiros*? A transcrição da opinião de personalidades da época sobre a utilização deste mesmo conceito leva a conhecer o significado por qualquer delas adoptado. Tome-se, por exemplo, a palavra abalizada de Alexandre Herculano, em carta datada de Dezembro de 1873 e dirigida ao Conselheiro José Bento da Silva:

> A denominação de brasileiro adquiriu para nós uma significação singular e desconhecida para o resto do mundo. Em Portugal, a primeira ideia talvez que suscite este vocábulo é a de um indivíduo cujas características principais e quase exclusivas são viver com maior ou menor largueza, e não ter nascido no Brasil; ser um homem que saiu de Portugal na puerícia ou na mocidade mais ou menos pobre e que, anos depois, voltou mais ou menos rico.

No mesmo sentido escreve o Governador Civil do Porto, em resposta a um questionário emitido pela comissão autora do Primeiro Inquérito Parlamentar sobre a Emigração Portuguesa.[9]

> ... A respeito deles [os que se dedicam ao comércio] não tenho por desvantajosa a emigração, pois voltam com capitais que empregam no País e com que desenvolvem a riqueza pública. Nesta província fácil é de notar este facto, pois as melhores propriedades que se encontram, ou os prédios que de novo se construem, quase todos pertencem a estes indivíduos, que no Brasil são chamados portugueses e entre nós brasileiros.

Segundo o historiador Oliveira Martins, o *Brasileiro* era:

> ... o caixeiro que se torna negociante, enriquece e vendo-se dono de um pecúlio maior ou menor, como esse pecúlio e dinheiro sem fixidez, liquida, recheia a carteira e volta a acabar regaladamente a vida junto às carvalhas da sua infância, na Praça Nova do Porto ou na Rua das Capelistas em Lisboa.[10]

---

9 *Primeiro Inquérito Parlamentar sobre a Emigração Portuguesa*, 1873: 177.

10 MARTINS, [1891] 1956: 248

Um outro grande escritor português, analista político de renome, Bento Carqueja, pormenoriza melhor o tipo de investimentos que os *Brasileiros* fazem em Portugal:

> Pode afoitamente afirmar-se que, se em 1877 estavam inscritos na matriz predial 955 251 prédios urbanos e 5 562 prédios rústicos e se, em 1910, isto é, 33 anos depois, aparecem descritos 1 365 483 prédios urbanos e 11 193 299 rústicos, grande parte desse considerável aumento deriva da acção benéfica do Brasileiro; mais do que da revisão das matrizes.

Finalmente, a nossa insuspeita e autoritária Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira (1978) define assim este vocábulo: "Brasileiro: Indivíduo que esteve no Brasil e que de lá voltou com mais ou menos dinheiro; refere-se geralmente ao homem rico /.../ ". Esta ideia de enriquecimento conquistado e de boa situação económica adquirida através da emigração para o Brasil, ilustrada pelas citações acima transcritas, extraídas de textos que se encontram referidos nem sempre encontrou na prática do convívio individual e na avaliação social generalizada o justo reconhecimento. Muitos autores e romancistas desviaram um significado que traduzia apenas o enriquecimento associado à desvalorização que, infelizmente, foi largamente difundida.

Ao Romantismo apetecia desenhar, em caricatura, os conflitos emocionais e sociais em que podia desempenhar papel bem visível o novo-rico, recém-chegado do outro lado do Atlântico. Observa-se, desta maneira, uma divergência entre o respeito (embora quiçá maculado por alguma inveja) de que gozavam os *Brasileiros* nas suas próprias terras e o retrato risível, quase abominável, que deles traçaram intelectuais, romancistas, e periodistas.

Campeão deste "assassinato de carácter" foi Camilo Castelo Branco (1825-1890) que, em muitas das suas outrossim brilhantíssimas obras literárias, elegeu o *Brasileiro* como o menos simpático dos seus vívidos protagonistas. Embora se devam levar a desconto as razões intimamente pessoais que conduziram Camilo a essa atitude injusta,[11] não deixa hoje de causar alguma estranheza a torrente de fel que escorria da pena do escritor, ao longo de muitas das suas páginas, não fora considerar as razões de natureza pessoal e familiar que o afectaram.[12] Pela abundância de pormenores, qual deles o mais cruel, seleccionou-se este trecho:

---

11 ALVES, 1994: 266-267.

12 É por demais conhecida a sua paixão por Ana Plácido, casada com um *Brasileiro*, Manuel Pinheiro, por parte do qual sofreu sérias perseguições. A sua filha Bernarda Amélia, de 16 anos, casa com um outro *Brasileiro*, António Francisco Carvalho de 40 anos, figura típica dos quarentões que ofereciam dotes atractivos (Alves, 1994: 266-267).

João José Dias devia orçar pelos seus quarenta e cinco anos. Era de estrutura menos que meã, adiposa, sem proeminências angulares, essencialmente pançuda, porque João José tinha uma série descendente de panças, desde a papeira cor de rosa até às buchas das canelas ventrudas. Nas fraldas duma testa estreita, chata e rugosa, como um élitro da concha de um cágado, luziam os olhos pequenos e esverdinhados de João José. As pálpebras, húmidas e pilosas como a casca de fava, enviesavam-se para dentro, formando à raiz das pestanas um rebordo purpurino. O nariz, sem base, nem ossos, nem cartilagens, devia ser a desesperação de Falópio e de Bichar: rompiam-lhe dentre os olhos as ventas já formadas, com a ponta arregaçada e as asas convexas, dilatando-se até às alturas dos ossos malares, estúpidos nas bochechas gordurentas. Os beiços eram bicolores: nacarinos no centro e roxos para as extremidades quase invisíveis sob os refegos relaxados dos músculos limítrofes. João José tinha quatro dentes incisivos de brilhante esmalte, entalados nos outros quatro, formando de comum acordo as saliências irregulares dum pedaço de cristal bruto. Os dentes laniares ou caninos tinham uma crusta de cárie e algumas luras chumbadas. Os vinte malares estavam no gozo das suas funções triturantes, conquanto amareladas de sais térreos, e regurgitamentos do bolo indigesto.

João José não tinha pescoço: as espáduas ladeavam-lhe os bócios da garganta, alteando-se ao nível das orelhas escarlates, com bolbos da mesma cor, e não sei que excrescências no lóbulo, simulando pingentes de coral. Disse-se que era todo barriga o homem, já que Buffon e Cuvier asseveram que é homem, feito à imagem e semelhança de... não ousamos escrever a blasfêmia. O que se não sabe é que a barriga lhe marinhava peito acima, até levar de assalto o campo onde fora pescoço. As pernas de João José eram dois cepos, postos em peanha a uma esfera armilar. Tão curtas eram elas, e tão desmesurados os pés, que me não seria dificultoso convencer-vos de que a natureza, em hora de travessura, fez da porção de matéria, destinada para perna e pé, duas partes iguais, juntou-as, e o ponto de junção denominou-o calcanhar....[13]

13 *O que Fazem Mulheres: Romance Philosophico*, 1858.

Os dois trechos seguintes orientam-se em direcção semelhante:

> No tocante à cara o sr. Andraens é homem, apesar de outros animais que lhe não disputam os foros da humanidade, porque não têm um curso de história natural. O rubor do tomate desmaia ao pé das papeiras faciais do brasileiro. O nariz enfronha-se de envergonhado entre as trouxas de tecidos, que lhe debruçam os olhos de opilações carnosas, sebáceas e luzidias. A menina do olho é rutilante e azougada, posto que as secreções vizinhas lhe besuntem a raiz das pestanas.[14]
> Feliciano tinha quarenta e sete anos. Não se parecia com a maioria dos nossos patrícios que regressam do Brasil com uma opulência de formas almofadadas de carnes sucadas /.../ Muito míope, usava de monóculo redondo num aro de búfalo à miséria; dizia-se em Pernambuco que o Feliciano usava um vidro só para não usar dois; e que se pudesse, venderia um olho como coisa inútil.[15]

Contudo, nem só de Camilo nasceram páginas literárias que acabaram por contribuir para a criação de um estereótipo injusto sobre a figura do *Brasileiro*, acentuando traços menos simpáticos e escurecendo os aspectos mais positivos da sua ação e personalidade.

Tome-se Júlio Dinis, cujos romances traçam um retrato idílico da vida rural no Norte português e da vida burguesa do Porto de então. Perturbando a clara estrutura de classes vigente e geralmente aceite, quase dicotomizada entre os favorecidos, também cultos e educados e um povo de agricultores que, embora carecendo de estudos e de maneiras de sociedade, não deixava de exibir virtudes e nobreza de carácter – insere-se uma personagem muito diferente, de características híbridas e contraditórias. O *Brasileiro* não se encaixa facilmente na ordem estabelecida e não pode ser ignorado, dado a sua grande visibilidade.

Em *A Morgadinha dos Canaviais*, após uma frase introdutória, aparentemente anódina, em que o *Brasileiro* Seabra nos é apresentado: "As ambições de Eusébio Seabra limitavam-se a vir a ser a primeira personagem de influência da aldeia", Júlio Dinis, o autor, demonstra por via de um longo monólogo em que o *Brasileiro* se coloca na posição de procurar exercer tal influência, a total vacuidade das suas ideias:

---

14 *Anos de Prosa*, 1863.

15 *A Brasileira de Prazins*, 1882.

> ... As estradas não servem para nada! As estradas são meios de comunicação e... facilitam... o... tráfego comercial e aumentam por conseguinte a riqueza das nações... Porque o trabalho representa um capital... um capital morto... quero dizer... um capital que... que não vive... Quero dizer... sim... suponhamos: o crédito por exemplo... O crédito,... sim, aí está o crédito... Pois que é o crédito?... O crédito é... o crédito... depende de muitas coisas... Por outra, suponhamos... se nós não tivéssemos estradas... uma suposição... Partamos de um princípio. A produção excede o consumo... Quero mesmo que o consumo exceda a produção... Sim, quero mesmo issso... Muito bem... Daí que resulta? Está claro que um desequilíbrio. E depois? Depois boas noites... Não havendo estradas... Aí está o que se diz por aí que a livre exportação, que tal, que sim senhores... mais isto, mais aquilo... Pois não é assim.[16]

Em muitas outras passagens do mesmo romance, todavia, é sob a forma insidiosa do verbo ou do advérbio que a prosa se articula para desqualificar ou aviltar o *Brasileiro* Seabra:

> Tanto não digo - continuou o brasileiro, mais jesuiticamente ainda /.../
> Eu não sei - concluiu com requinte de velhaquês o brasileiro /... /
> O brasileiro saiu bufando /... /
> O brasileiro fez as pazes com o conselheiro, porque este, logo que entrou para o ministério, mandou lavrar o decreto em que nomeava visconde de não sei quê o seu antigo inimigo. Foi este o primeiro acto político do gabinete, que o país ingrato teve a sem-razão de não aplaudir.
> Tome-se seguidamente o caso de Eça de Queiroz. Conformemente ao seu estilo, muito menos brutal do que Camilo, mas decerto mais ironicamente virulento, não deixou de dar as suas alfinetadas à personagem do *Brasileiro*[17], de forma bem visível em o Primo Basílio, tanto como em *Uma Campanha Alegre*, de que se transcreve o trecho seguinte:

16 *A Morgadinha dos Canaviais*, 1868.

17 Fez Eça, contudo, uma espécie de acto de contrição tardio quanto a este tipo de crítica mordaz, numa carta-prefácio à obra do seu amigo Luís de Magalhães, *O Brasileiro Soares* (1886). Depois de discorrer com algum pormenor descritivo sobre o tratamento injusto que os escritores do Romantismo deram à personagem do Brasileiro (como se ele próprio tivesse estado isento desse mesmo pecado), o escritor contrapõe à imagem do Romântico a sua própria, naturalmente realista, evidentemente mais comedida e equilibrada, definindo simplesmente o *Brasileiro* como "esse lavrador Minhoto, enriquecido e vestido de pano fino, a que nas aldeias se chama o brasileiro". Não é por demais evidente a sinceridade desta contrição, pois que, ao comentar os desvios de linguagem dos outros, não deixam as mesmas injustiças de ficar claramente exaradas nesse pedaço de prosa queirosiana.

> Há longos anos que o Brasileiro (não o brasileiro brasílico, nascido no Brasil – mas o português que emigrou para o Brasil e que voltou rico do Brasil) é entre nós o tipo de caricatura mais francamente popular. Cada nação possui assim um tipo criado para o riso público.
> ... Nós temos o Brasileiro: grosso, trigueiro com tons de chocolate, pança ricaça, joanetes nos pés, colete e grilhão de oiro, chapéu sobre a nuca, guarda-sol verde, a vozinha adocicada, o olho desconfiado e um vício secreto. É o brasileiro: ele é o pai achinelado e ciumento dos romances românticos; o gordalhufo amoroso das comédias salgadas; o figurão barrigudo e bestial dos desenhos facetos; o maridão de tamancos, sempre traído, de toda a boa anedota."[18]

Não é difícil inferir as motivações da construção desses belos e por vezes sumptuosos edifícios, que tanto podem estar inseridos na periferia de cidades de média dimensão como em vilas e aldeias do Norte do país. Efetivamente, saindo pobres das terras de nascimento e conseguida a abastança ao longo de décadas de trabalho duro e continuado, quiseram estas pessoas tornar emblemática a marca pessoal do regresso e bem visível o grau do sucesso alcançado.

Criar um ambiente confortável e luxuoso para gozar uma aposentação justamente merecida? Afirmar a diferença de posição social entre o *Zé-ninguém* que partiu e o homem maduro e rico que voltou à sua terra? Ou simples exercício de vaidade e de desejo de ostentação? Talvez um pouco de tudo isso...

A personagem do *Brasileiro* na literatura portuguesa contribuiu para exacerbar as consequências provocadas pelo sentimento injusto que, como acima referido, distanciava os residentes em Portugal dos que tinham passado a residir fora dele para trabalhar. O choque sentido através da produção literária dos intelectuais urbanos da época produziu a sua natural reação. Esta visão desprestigiante que circulava em Portugal, desfasada de uma realidade que apresentava um conteúdo muito diferente do contexto existente, ignorando a situação onde a diversidade entre os sucessos e os insucessos se alojava, deu lugar, certamente, às iniciativas que visavam fazê-la conhecer. A progressiva inserção e integração no Brasil, aliada a uma muito visível estabilização e a um consequente sucesso económico obtidos naquele país pelos que tinham saído de Portugal e nele se conseguiram vir a estabelecer, deram lugar ao desejo de fazer conhecer a prosperidade e o sucesso por muitos alcançados.

A distância geográfica que separava os continentes, que distanciava os países e tornava difícil estabelecer uma interação continuada entre os homens e mulheres que em cada um

18 *Uma Campanha Alegre*, 1872.

deles vivia - os de "cá" e os de "lá" - proporcionava aos que ficavam a falta de um verdadeiro conhecimento sobre a dinâmica social dos residentes num país distante, que acolhera um tão significativo número de Portugueses. A diversidade instalada pelos percursos coletivos e individuais dos que passaram a residir no território brasileiro nem sempre conseguiu ser corretamente enxergada e para além do desconhecimento total ou parcial da realidade existente foram-se alinhando mitos que alimentavam a idealização de situações extremadas, em muitos casos completamente desfasadas da realidade.

Fora das fronteiras brasileiras e das fronteiras portuguesas, que limitavam territorialmente qualquer dos dois países a que se sentiam pertencer - um por naturalidade e outro por residência - foi encontrado o espaço que permitiu concretizar tal desejo, através da organização de um livro que relatasse a vida dos que sendo de origem portuguesa viviam naquele país. A motivação para a realização do projeto encontrou oportunidade para ser posta em pé num país estrangeiro - Espanha - através da participação na mostra internacional que teve lugar em Sevilha em 1929. Uma iniciativa que possibilitasse a reposição da verdade e viesse a fornecer a oportunidade de divulgar uma informação fidedigna foi então tomada e a sua concretização teve lugar num contexto alargado, com grande projeção na Europa e nas Américas.

Podendo os dados apurados em qualquer tipo de pesquisa provir da recolha da informação por via direta, o que no caso considerado teria sido impossível, fomos conduzidos a realizar uma pesquisa documental que incidiu sobre uma obra editada em 1929, cujo título *O Álbum da Colónia Portuguesa no Brasil* traduz claramente o seu conteúdo e proporciona um muito completo retrato social da realidade de então. O propósito desta edição, um álbum de luxo organizado propositadamente para apresentação pública na *Exposição Ibero -Americana* que teve lugar no mesmo ano no Sul de Espanha, na cidade de Sevilha, mostra a importância conferida pelos seus organizadores à apresentação de um grupo europeu que se transferiu para a América do Sul e se estabeleceu no Brasil. A importância da localização da mostra, um espaço internacional situado fora das fronteiras lusa e brasileira, onde poderiam ser projectadas toda a pujança de uma comunidade ávida de fazer conhecer a qualidade de vida atingida e o visível sucesso alcançado, poderia contribuir para o próprio desenvolvimento das suas atividades econômicas e valorização do nível social.

A sequência de exposições internacionais, cuja organização se sucedia desde o séc. XIX, tanto nas Américas, com excepcional incidência nos Estados Unidos (Nova Iorque, 1873; Filadélfia, 1876; Chicago, 1893) e de igual modo na Europa (Munique, 1854; Porto, 1865; Viena, 1873; Barcelona, 1888), nomeadamente em França (Paris, 1855, 1867, 1878, 1889, 1900) e no Reino Unido (Londres 1862), expressa tanto o elevado número e relevância dos encontros como traduz a potencialidade que encerram ao proporcionar um conhecimento alargado a nível transcontinental, dando lugar à implementação de projetos de cooperação e desenvolvimento e articulações de natureza cultural.

Embora a enumeração não tenha tido a pretensão de ser exaustiva, os dados apresentados possibilitam conhecer a existência de múltiplas iniciativas, cuja envergadura (pela dimensão assumida, pela qualidade do edificado e pelos participantes que as visitavam) constitui indicação da potencialidade que estes espaços encerravam.

A contextualização e importância das exposições internacionais será a moldura enquadradora da própria *Exposição Ibero- Americana* que as integra, mostra onde foi lançado o Álbum da Colónia Portuguesa no Brasil. O livro coordenado por Teófilo Carinhas foi publicado em 1929, como atrás referido e é evidente ao longo de todo o texto a participação que os dois países tiveram na execução dos trabalhos necessários à sua edição.[19]

A qualidade literária, a clareza da descrição e a profusão de imagens que ilustra este álbum tornam fácil e atractiva a leitura e proporcionam, ao mesmo tempo, um conhecimento global sobre a presença portuguesa no Brasil na primeira metade do séc. XX. Podendo considerar-se a obra uma fonte de informação muito valiosa, tanto pelo que descreve como pelo riquíssimo acervo de imagens que a ilustram, não é de descurar a especial menção ao *design*, que deve ser justamente referido e à qualidade gráfica que o caracteriza, muito inspirados um e outro, pelos motivos *Art Noveau*.[20] À entrada de cada um dos capítulos, dos subcapítulos e dos próprios temas estão associados elementos decorativos desse estilo e o arejamento proporcionado pela distribuição da informação na mancha tipográfica de cada página simplifica a leitura e a apreensão dos conteúdos impressos, que assim são valorizados.

A rúbrica que se intitula "Representa a Confecção deste Álbum"[21] fornece informação e utiliza imagens muito sugestivas para fazer compreender a dimensão e esforço despendido com a iniciativa. Por exemplo, o papel consumido na obra, se estendido em folhas representaria a distância entre o Pão de Açúcar e a Torre de Belém, 4 109 milhas; a altura dos volumes empilhados seria de 1 200 metros. Por hipótese, o papel empregado no Álbum carregaria um trem com 8 vagões de 15 mil quilos cada. A distância percorrida para aquisição de elementos na confecção da obra corresponderia a 45 mil quilómetros, se fosse utilizado o automóvel; a 5 000 quilómetros se fosse utilizado o comboio; a 8 900 milhas, se utilizado o vapor. O automóvel Chrevolet que percorreu 45 mil quilómetros ao serviço de tarefas relacionadas com o Álbum da Colónia Portuguesa no Brasil teria utilizado 5 pneumáticos "*Good Rich*".

---

19 As páginas referidas 287 a 289 fornecem em detalhe indicações dos fornecedores de papel e da tinta utilizados e dão conta da execução da capa (Buenos Aires) e da impressão de gravuras.

20 A Arte Nova (*Art Noveau*) foi no domínio das artes decorativas e do *design* o primeiro estilo moderno que se assumiu como tal. A designação deste estilo data de 1895 tendo-se afirmado e obtido o seu reconhecimento internacional na Exposição Internacional de Paris de 1900. Nascido em França expandiu-se internacionalmente, só tendo vindo a ser substituído pela designada *Art Deco*.

21 Álbum da Colónia Portuguesa no Brasil, p. 171.

Os nomes dos Brasileiros ilustres que colaboraram no Álbum tanto como os que referem os ilustres autores portugueses que também nele intervieram, estão graficamente emoldurados nesta obra e estendem-se ao longo das duas páginas iniciais. Sobre eles, seguir-se-á uma análise detalhada, promissora da aquisição do pretendido conhecimento sobre a presença portuguesa no Brasil no primeiro triénio do século passado e, sobretudo, sobre a forma como os que o organizaram fizeram o retrato de si mesmos e do grupo que assumiam integrar.

A assunção do enleamento entre os dois países, Portugal e Brasil, a que subjaz o sentimento designado "ligação patriótica", ligação abrangente que no caso presente relaciona o lugar em que se nasceu com o que passou a ser de residência, obriga a uma análise conjunta no ordenamento da sequência temática dos textos apresentados. A permanente indissociabilidade de duas pátrias, em que são exaltadas características culturais próprias articula práticas do viver quotidiano, que assim é enriquecido e se complexifica, tornando real a permanente reciprocidade das afeições existentes.

As intenções que acompanham a organização da publicação abrem o trabalho explicitando os propósitos da edição do Álbum da Colónia Portuguesa no Brasil, mantendo sempre presente o sentimento profundamente patriótico que o fez nascer. Transcreve-se: "ao concebê-lo não tivemos outro objetivo que não fosse o de apresentar uma obra que concretizasse, em síntese clara e luminosa, o que tem sido o intenso labor, de admirável iniciativa, de insigne benemerência a vida social dos portugueses no Brasil" Em síntese, o Álbum da Colónia Portuguesa no Brasil procura relatar e relacionar todo o esforço desenvolvido na multiplicidade de campos cultural, social e económico de uma obra que é referida como honesta e patriótica. O texto introdutório, do qual são transcritos extratos, é revelador das intenções que nortearam a sua organização.

> O Álbum da Colónia Portuguesa no Brasil reúne, nas suas páginas ilustradas e escritas com o mais enternecido carinho patriótico, tudo quanto se relaciona com o esforço português no Brasil em qualquer campo; nêle estão perpetuados os monumentos da arte, da caridade, da inteligência semeados pelo cerebro de portugueses nesta nação maravilhosa, sob a doce e hospitaleira luz do cruzeiro azul. /.../
> Obra de patriotismo e de crença inabalável na imperecível energia e nas admiráveis qualidades da raça, documenta alguns séculos de luta, de drama, de história e de epopeia, e tão majestoso documento não destoar da grandeza do certame de Sevilha, para o qual o destinamos

> como singela contribuição a rumorejar a valentia e alteza da acção colonizadora dos portugueses no Brasil.[22]

O Álbum explicita uma produção conjunta, tanto no que respeita aos colaboradores literários (designados "cooperadores literários") como à organização do design gráfico (cujos autores são designados como "cooperadores artísticos").

O Álbum integra duas partes: a primeira, com o título "Districto Federal[23] e a segunda com o título "Estados"(pp. 293 - 657). A amplitude permite inserir contribuições de vária natureza, que sustentam e ilustram cada uma delas, proporcionando assim um largo e diversificado espaço às contribuições que contém. Por um lado, os artigos sobre factos relevantes ou personalidades de destaque assumem imperativamente particular relevo no extenso espaço luso-brasileiro e dão a oportunidade de conhecer, ainda que de forma indirecta, o critério seguido para a sua selecção e posterior apresentação. Por outro, a descrição dos 24 Estados que então constituíam a República dos Estados Unidos do Brasil pretende caracterizá-los individualmente, através das rúbricas que os descrevem de forma mais sucinta ou mais detalhada. Presume-se que a dimensão do respectivo conteúdo esteja relacionada com a inserção geográfica de cada um deles, dimensão territorial, desenvolvimento e disponibilidade de dados que possibilitem a respectiva apresentação. O estilo de cada redator influenciou, sem qualquer dúvida, a elaboração dos textos que, posteriormente, ficaram sujeitos à composição gráfica.

Feita referência aos chefes de Estado do Brasil e de Portugal, ao Embaixador de Portugal, aos Presidentes e Governadores das diversas unidades federativas, ao comissariado da Exposição Portuguesa em Sevilha e a todo um vasto conjunto de colaboradores que incluem os provedores das Beneficências, das Associações, Centros e coletividades do Rio e dos Estados, não são esquecidos os agradecimentos que são devidos às firmas comerciais, estabelecimentos bancários e a muitos outros que contribuíram para "o brilho e esplendor do Álbum da Colónia Portuguesa no Brasil" (capítulo *Palavras Nossas*, escrito por Teófilo Carinhas).

Os textos que compõem a primeira parte da obra (pp. 1-292) não apresentam entre si nem uma sequência nem uma articulação temática que possa fornecer com segurança o critério que presidiu à sua ordenação. No entanto, foram reunidas contribuições que

---

22 Texto introdutório do Álbum da Colónia Portuguesa no Brasil, fl 3. É de ter em conta a estreita colaboração estabelecida entre os dois países na organização do álbum que foi: " Confeccionado nas Oficinas Gráficas do "Número..." de Carinhas & Companhia. Lda., R. Visconde da Gavea, 26-28, Tel. Norte 5429. Escritório em Lisboa – R. São Paulo. 172 2º Esq. do (vd. fl. 3).

23 Álbum da Colónia Portuguesa no Brasil, p. 1 a 292.

integram categorias específicas, ilustradas por exemplos concretos na área do associativismo beneficente, cultural e desportivo tendo sido feita também referência individual a personalidades brasileiras e portuguesas (membros da elite política e social) e produzida nota sobre elementos da cultura popular portuguesa. Qualquer dos ilustres selecionados opinam sobre a excelência da relação entre os dois países, que se configura promissora e permite levantar grandes esperanças em relação à manutenção do bom relacionamento e colaboração futura.

O retrato do Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil (Dr. Washington Luís Pereira de Souza), impresso a cor em folha solta, introduz a apresentação de figuras públicas que exercem cargos políticos: Ministro das Relações Exteriores, Ministro da Fazenda, Ministro da Marinha, Ministro do Interior e da Justiça, Ministro da Guerra, Ministro de Aviação e os que respeitam às autoridades diplomáticas portuguesas locais: Embaixador e Embaixatriz de Portugal no Brasil, Secretário e Conselheiro da Embaixada, Cônsul Geral e Cônsules Adjuntos e edifício da Embaixada. Um relance pela História da colonização abre o conjunto de reflexões que se seguem ao longo de todo o livro.

As deslocações transatlânticas de personalidades de relevo de que são exemplo ilustrativo a visita realizada pelo Presidente Dr. António José de Almeida, citada entre tantos outros heróis, dos quais merecem destaque Sacadura Cabral e Gago Coutinho, o ilustre médico e professor Egas Moniz e o intelectual Bento Carqueja[24] alinham com a presença portuguesa no Brasil de mais visitantes que têm um perfil diferente e se destacam por outras qualidades. Cito o grupo de estudantes de Lisboa e de Coimbra ou a tripulação do cruzador Adamastor que corporizam a importância atribuída aos que atravessaram a ponte que liga nos dois continentes, os dois países envolvidos.

A evocação da cultura portuguesa versa tanto o que é considerado tradicional, que se mantem sem expectativas de progresso económico nem de ascensão social como o que é considerado inovador e traduz a evolução e progresso dos homens no novo país.

Os textos encabeçados pelos títulos: "Costumes Portugueses"[25] e "Costumes Característicos",[26] incluem imagens com trajes ditos *nacionais* (designação que refere os trajes regionais do Minho) que muito frequentemente usados em Portugal nas romarias são utilizados pelo Carnaval nas agremiações portuguesas criadas no Brasil.

---

24 Bento Carqueja colocou a sua vida intelectual ao serviço de várias contribuições prestadas no espaço luso e brasileiro, tendo sido professor e jornalista e autor de estudos de natureza política (social e económica) que ainda hoje merecem referência. O Álbum põe em evidência, no âmbito da sua deslocação ao Brasil, a trasladação dos restos do grande compositor Marcos Portugal, feita por iniciativa própria. Dá ainda destaque aos discursos proferidos localmente´, que "foram verdadeiros hinos à marcha vitoriosa das duas pátrias: a brasileira e a portuguesa". Álbum da Colónia Portuguesa no Brasil, p. 83.

25 Álbum da Colónia Portuguesa no Brasil, p. 85.

26 Álbum da Colónia Portuguesa no Brasil, p. 91.

A religiosidade transplantada deu lugar a expressões diferentes de fé em espaços retirados ou em espaços cobertos frequentados pelo público. Disso são exemplo os Conventos de St.º António, de S. Francisco da Penitência, as Igrejas do Carmo na Lapa e ainda da Glória e do Outeiro. Também as festas religiosas com a sua componente profana - romarias e celebrações coletivas com grande poder agregador foram transferidas para terras brasileiras sendo referida a Romaria da Senhora da Penha que evoca a festa do Senhor da Serra ou da Senhora da Agonia, vindas do Norte de Portugal, de "terras alegres lá longe", assim recreando no estrangeiro celebrações tradicionais. Um vasto conjunto de fotografias articula-se com o conteúdo escrito para ilustrar os propósitos dos autores.[27]

A prataria, a azulejaria e os vinhos são citados como modelos de excelência que integram a produção artesanal portuguesa. Nesta perspectiva, é dado destaque a outros apontamentos que referem artigos que poderiam ser colocados nesta mesma categoria abrangente, entre os quais constitui exemplo representativo a Exposição do Centenário da Independência do Brasil (1922), exposição comemorativa que teve lugar no Rio de Janeiro[28], exaltando os direitos existentes no Brasil então nação livre e independente.

O campo do associativismo implica a consideração de várias das suas vertentes e é impressionante como essa forma de relacionamento social consegue reunir os que de origem portuguesa procuram através dele colaborar em diversos campos, cujos resultados revertem em favor próprio ou no da comunidade a que pertencem. Sem assumir uma orientação exaustiva, serão referidas diversas áreas que integram esta mesma categoria. No que respeita à saúde, lembre-se a fundação de grandes instituições que prestam atendimento médico. São disso exemplo as Beneficências, designação específica que integra hospitais, asilos e outros serviços, que ainda hoje se mantêm, ocupando lugares cimeiros no próprio país e na América Latina, pela competência dos serviços que desenvolvem e pela extensão geográfica onde estão inseridas. O nível do avanço que vieram a atingir e a qualidade do atendimento prestado destacam-nos assim de forma visível.

A Real e Benemérita Sociedade Portuguesa Caixa de Socorros D. Pedro V, fundada em 1863, foi uma das mais prósperas e importantes coletividades portuguesas. As primeiras instalações situaram-se num sobrado da Rua de S. Bento, passando a ocupar, posteriormente, um edifício na Rua Floriano Peixoto. Mantem uma farmácia e consultórios médicos proporcionando enquadramento de saúde aos Portugueses pobres e indigentes que a ela recorrem; de forma específica, foi fundado no seu âmbito institucional um sanatório para os que acometidos de tuberculose necessitassem de ser internados; e criado um asilo para recolhimento e amparo dos que na velhice dele precisassem. Uma outra forma de ajuda, que

27 Álbum da Colónia Portuguesa no Brasil, p. 48.

28 Álbum da Colónia Portuguesa no Brasil, p. 77-80.

merece ser conhecida, traduziu-se pelo pagamento da passagem por inteiro aos sócios, que por razões imperiosas tivessem que regressar à metrópole.

A consideração destas instituições pelos autores do Álbum não só refere as que então se situavam nos grandes espaços urbanos em que residiam os imigrantes portugueses como aquelas que se disseminaram por espaços em que a presença portuguesa, embora sendo menos significativa, tinha lugar. (vd. 2ª parte)[29]

Na área desportiva, cite-se o Clube Vasco da Gama, fundado em 21 de Agosto de 1898 e a sua história dá a conhecer "... vários moços que devotados ao desporto náutico resolveram a fundação de um clube de regatas..." e, posteriormente, a actividade futebolística que hoje em dia ainda continua a projetá-lo e já nessa altura merecia destaque. A infraestrutura de apoio constituída pelo gigantesco estádio construído e a enumeração dos triunfos vascainos (pp. 165-168) que incluem "não somente os relacionados com o desporto náutico que o Pavilhão Cruz maltino tem alcançado... de triunfos"; como os triunfos obtidos no desporto terrestre.

A atividade financeira revelou-se poderosa e citam-se entidades que constituem paradigmas desta ação negocial que, tendo sido exercida localmente com grande vigor, desde cedo ultrapassou fronteiras e oceanos. O Banco Borges & Irmão, "firma de tradições gloriosas" foi fundado em 1834 tendo estado ligado a várias empresas do Norte, entre outras à grande obra do Entreposto Industrial do Norte, de que fazem parte mais de 14 das principais indústrias de tecidos, à fábrica de conservas Brandão & Companhia, Lda de Ovar e à Companhia Nacional Resineira.

"A Sociedade de Vinhos Borges Irmão Limitada (com sede em Villa Nova de Gaya) tem um bar e 7 sucursais de venda a varejo montadas no Porto e filial em Lisboa e possuíam agentes especiaes na Noruega, Holanda, Dinamarca, Escossia, Belgica, França, Alemanha, Egypto, Shangai e em todas as colónias portuguesas, nas republicas da América e em todos os Estados do Brasil, o que por si só bastaria para demonstrar o valor do seu comércio e a importancia da sua firma de credito mundial" (p. 181).

A Agência Financial de Portugal no Rio de Janeiro, foi fundada, em Dezembro de 1887 e "o Decreto n.º 10.071 estabelece para ela a obrigação de fazer todo o seu movimento por intermedio da Caixa Geral dos Depósitos (...)"; uma das suas funções consistia na recolha por transferência dos fundos disponíveis nos cofres dos consulados de Portugal no Brasil e Rio da Prata".

O Banco Português do Brasil, fundado em 1918, resulta de esforços e de atividades múltiplas que contribuíram para a constituição de reservas de um capital considerável ativado pelas múltiplas transações de nível nacional e transnacional (p. 178). Outro banco, o *Banco Nacional Ultramarino* constituía um dos mais expressivos índices do esforço português no Brasil.

29 Álbum da Colónia Portuguesa no Brasil, vd. 2ª parte.

Abriu filiais em São Paulo, Pernambuco, Pará e Manaus, tendo prestado apoio "às iniciativas tendentes a elevar o bom nome de Portugal, e, a da grande subscrição pró-aviação portuguesa levada a efeito em 1922 por ocasião do grandioso voo de Sacadura e Gago Coutinho".

Embora em síntese, o que acima é citado constitui indicador da transversalidade e extensão geográfica das ações desenvolvidas por estas e outras instituições, cuja dimensão nacional e internacional contribuiu para o desenvolvimento económico e projecção social dos dois países.

A referência ao mundo cultural insere várias contribuições que integram artigos sobre teatro, música, canto coral e se estendem da página 133 à 140. Marcos António da Fonseca Portugal, organista, maestro e compositor, considerado o maior músico da sua época, deixou no Brasil grande parte e talvez a mais bela da sua grande obra, fazendo justiça aos seus compatriotas e abre esta secção temática. Na área musical, recebe ainda especial referência Artur Napoleão, um dos maiores pianistas da época, nascido no Porto em 1843 e que apesar da grande notoriedade alcançada na Europa acabou por se estabelecer no Brasil onde viria a falecer em 1925. Destaque-se a Sociedade de Concertos Clássicos no Rio de Janeiro, fundada em 1883 e uma atividade dividida entre direção e execução musical, composição e direção comercial.

"O teátro brasileiro, ninguem o póde negar, deve alguns de seus mais belos triunfos ás peças firmadas por autores teatrais nascidos em Portugal e que viveram, ou vivem ainda, nesta terra maravilhosa que os nossos antepassados arrancaram do mistério dos 'mares nunca dantes navegados'...". A citação de alguns autores teatrais portugueses (José Soares Cunha e Costa, Lorjó Tavares, Manuel White, cuja impressão do retrato permite visualizá-los) e uma lista que faz conhecer muitos deles através de biografias sintéticas, que integram elementos pessoais e obra realizada, dão-nos conta do significativo número de Portugueses associados a este campo cultural. A influência do teatro português no Brasil, os locais onde foram representadas as peças (Casa da Ópera, conhecida como Teatro do Padre Ventura; o Teatro de Manuel Luís; o Real Teatro de S. João; o Teatro de S. Pedro de Alcântara entre muitos outros) referem alguns dos títulos das peças representadas e indicam os nomes dos actores envolvidos, constituindo indicadores desta mobilidade específica que caracterizou uma vida cultural enriquecida pela partilha.

A segunda parte do Álbum introduz, em regra, subtemas que procuram proporcionar o conhecimento dos Estados brasileiros, da obra neles realizada pelos Portugueses e o nome de alguns dos que então aí residiram ou residem. Apoia-se em factos históricos subjacentes que relatam a sua constituição, abrindo dessa forma espaço para a introdução das rubricas subsequentes. É lembrada com frequência a contribuição prestada durante o período colonial e exaltada a excelência da obra então realizada, continuada pelo subsequente desenvolvimento alcançado. Assume particular destaque a caracterização socioeconómica que

individualiza cada um dos Estados; é feita a enumeração dos nomes de alguns ilustres locais; são referidos os espaços associativos, que acolhem convívios e dão lugar ao planeamento de obras de iniciativa conjunta, sem esquecer a vertente de lazer que também os caracteriza. Em síntese, cada um, dos subcapítulos que refere qualquer dos Estados apresenta diferente dimensão, muito de acordo com a respectiva área territorial e a situação geográfica onde se encontra inserido cada um deles, abordando não só o que os caracteriza e se torna mais visível como o que lhes confere individualidade.

Os temas que repetidamente integram as secções dedicadas aos 24 Estados procuram fornecer um conjunto de informações, entre as quais sobressai a referente ao número total dos habitantes que neles residem, dando grande destaque visual aos que referem os Portugueses, em muitos casos comparando-os mesmo com os que neles também residindo provêm de outras origens. A atividade econômica referida faz conhecer iniciativas ligadas à indústria, ao comércio e à agricultura, espaço em que o café ocupa um lugar de destaque sem deixar de referir, especificamente, os pomares de laranjas e os bananais.

A riqueza do mundo associativo em que a solidariedade se revela como sentimento frequente e traduz a grandiosidade assumida pela contribuição de filantropos, encontra-se referida ao longo de toda a obra, mas a indicação específica deste tipo de instituições está associada, individualmente, a cada um dos Estados onde se situa. Concretizada pelas que existindo em quase todos eles prestaram auxílio médico e hospitalar ao grande número de pessoas que desses serviços necessitavam, sobressaem na atividade de enquadramento que os mais possidentes proporcionaram aos mais necessitados como atrás foi dito. Esse mesmo espírito de ajuda que perdurou até hoje e se estendeu também ao território português (num período que antecede a publicação do Álbum e tem continuidade depois dele) encontra expressão local através de exemplos que fazem lembrar a sua existência de um e de outro lado do Atlântico: em Portugal, o Hospital Civil de S. José de Fafe, inaugurado de forma solene em 19 de Março de 1863[30]; o Hospital de Alienados (Porto, 1883), construído pelo Conde de Ferreira; o Hospital Asylo Conde de Sucena (Águeda, 1922); um outro que foi fundado pelo Visconde Salreu, na sua terra natal (Estarreja, 1935) e o Hospital dos Covões (Coimbra), entre muitos outros. No Brasil, sem preocupação de realizar um completo levantamento, são indicados: o Hospital S. João de Deus, enquadrado pela Beneficência Portuguesa do Rio de Janeiro, em 1858; a Sociedade Portuguesa de Beneficência, centro hospitalar fundado

30 Daniel Bastos publica em data recente (2012), o valioso resultado da investigação detalhada que realizou sobre a instituição. A informação fornecida constitui um muito bom exemplo da interacção existente entre os migrantes de origem fafense com a sua terra natal e dá conta das influências recíprocas que revelam a manutenção da relação emocional existente. A idealização do modelo arquitectónico e institucional deste hospital teve como referência inspiradora o conjunto de princípios que nortearam a Beneficência do Rio de Janeiro, considerada "obra da graça de Deus e dos homens de boa vontade..." MEIRA, 1979.

em 1859 na cidade de Santos; a Beneficência Portuguesa de Porto Alegre, originalmente designada como Sociedade Beneficente e Hospitalar da Colônia Portuguesa de Porto Alegre, em 1870; o Hospital S. Joaquim, fundado pela Real e Benemérita Associação Portuguesa de Beneficência, em 1876; o Hospital D. Luiz I, fundado pela Benemérita Sociedade Portuguesa Beneficente do Pará, em Belém, inaugurado em 1877; a Real Sociedade Portuguesa de Beneficência de Campinas, hospital fundado em 1879; o Hospital Visconde de Morais da Sociedade Portuguesa de Beneficência do Rio de Janeiro, em 1927 (clínica para senhoras); o hospital Beneficência Portuguesa de Bauru que entrou em funcionamento em 1928; o Sanatório Português, da Real Sociedade Portuguesa de Beneficência de Petrópolis, data de 1928.

A presença dos ausentes manteve-se enquanto vivos e também depois da morte, atestam-no os testamentos deixados e as benfeitorias que contemplam (Neno,1989: 93-105). O espírito que presidiu à construção de edifícios é idêntico ao que está associado à criação de jazigos e sepulturas que se encontram espalhados pelo país, muito em especial na zona Norte, os exemplos do Cemitério de Agramonte (Porto) e o de Santa Cruz da Trapa (Viseu) corroboram a ligação dos *Brasileiros* com Portugal.

Os Clubes, que possibilitavam espaços para que um relacionamento, regularmente repetido se efetivasse permitiram, através da convivência entre os seus associados, construir e concretizar projetos de iniciativa coletiva. A extraordinária obra cultural realizada pelos Portugueses do Brasil, cuja expressão máxima se concretiza nos Gabinetes de Leitura, cujo acervo é atualmente reconhecido e se encontra num processo de recuperação de documentos e de obras neles existentes, constituem uma fonte documental promissora.[31] Através de protocolos que têm vindo a ser estabelecidos com universidades locais, o conteúdo da documentação existente permite chegar a um mais avançado conhecimento da História dos Portugueses no Brasil e ao da interação estabelecida com a sociedade onde se inseriam.

A indústria e o comércio florescente que oferecia ao público a mostra do empenho de quem fundou fábricas e proporcionou redes de escoamento de produtos feito a nível local e nacional ou realizado a nível internacional, revela a criatividade, o empenho e a capacidade de gestão de quem foi responsável por uma tão expressiva e significativa actividade.

É de salientar o cunho regionalista presente na nomenclatura de estabelecimentos comerciais, que assumem publicamente o nome de regiões ou de locais, evocando a relação emocional dos seus proprietários, mostrando dessa forma como continuam por eles a ser lembradas as terras de origem. Os estabelecimentos: «Caminho do Minho»; «Padaria Confei-

31 A distribuição geográfica destas instituições mostra a cobertura social e o apoio cultural que prestavam às colónias portuguesas residentes nos diversos Estados onde se encontravam implantados: Real Gabinete de Leitura de Porto Alegre (Rio Grande Sul), 1830; Real Gabinete de Leitura do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro), 1837; Gabinete de Leitura do Recife (Pernambuco), 1850; Real Gabinete de Leitura de Salvador (Baía), 1863; Gabinete de Leitura de Belém (Pará), 1867; Real Gabinete de Leitura de Santos (São Paulo), 1888.

taria Rio d›Alva» (o texto evoca Sanguinheda uma localidade da freguesia de São Martinho da Cortiça, no município de Arganil), (ambas no Estado de Santos); Padaria Lisbonense (em Fortaleza, no Estado de Ceará), ilustram o que é indicado.[32]

Sem ignorar a diversidade que caracteriza a presença portuguesa no Brasil são referidos dados que dão a conhecer as diferenças existentes, traduzidas por grandes insucessos (que na maior parte quase se adivinham e se conhecem de forma indirecta) e muitos dos visíveis sucessos obtidos, apresentados em detalhe e com exaltação. Neste quadro, são tratados de modo individual os Portugueses que visitam o Brasil como personalidades - embaixadores da cultura nacional, conferindo por seu intermédio brilho às iniciativas em que participam sendo, do mesmo modo, exaltado o papel dos ilustres Portugueses que vieram a fixar-se definitivamente no Brasil, sem nunca esconder a sua origem e aliando em permanência as duas pátrias. Lembre-se a obra de destacadas figuras: Ricardo Severo, engenheiro, arquitecto, arqueólogo e escritor[33] e Carlos Malheiro Dias, jornalista, romancista, político e historiador, que coordenou a História da Colonização Portuguesa do Brasil[34] (1921), (pp. 141-143).

UMA CURTA REFLEXÃO FINAL

Constitui justificação pessoal para a presente selecção do tema abordado - *A Presença Portuguesa no Brasil - Um Olhar Retrospectivo. Os Primeiros 25 Anos do Século XX* - ter sido o Brasil um destino privilegiado da emigração portuguesa, um dos dois países que maior destaque revela ao longo de todo o seu desenvolvimento. À escolha da época sobre a qual recaiu a análise e cuja apresentação é feita, preside o facto do encaminhamento da emigração portuguesa para aquele país ter sido muito importante durante todo o período considerado e sobre ele ter recaído o interesse de muitos estudiosos, que não exploraram a faceta apresentada.

O tratamento dos assuntos, qualquer que possa ser, se considerado individualmente, enleia a História e as relações institucionais e pessoais dos dois países e remete para a evocação de uma vivência partilhada, de uma cultura enriquecida pela herança transmitida e posterior reconstrução, através de uma recombinação local.

A apresentação deste livro em 1929 procura reformular a controversa imagem dos *Brasileiros* e teve como séria pretensão apresentar de forma objectiva, contrariamente ao que anteriormente tinha sido divulgado pela escrita dos romancistas do final do séc. XIX, o retrato da realidade de então. Os factos e as imagens que reúne substituíram os falsos estereótipos então criados.

---

32 Álbum da Colónia Portuguesa no Brasil – Caminho do Minho, p. 410; Padaria Confeitaria Rio d'Alva, 416; Padaria Lisbonense, p. 587.

33 Álbum da Colónia Portuguesa no Brasil, p. 317.

34 DIAS, 1921: 141-143.

Alguns dos que partiram ultrapassaram largamente essa dimensão figurada fundaram bancos e indústrias, exploraram minas, abriram estradas e linhas de caminhos-de-ferro ou constituíram legados de tamanha monta que permitiram fundar grandes hospitais e asilos, ou extensas redes de escolas e residências para professores, com um tipo de generosidade benemérita de volume nunca antes visto em Portugal.

Ora, se uma parte destes homens, mercê de inteligência e de motivação suficientes, tinha adquirido no Brasil as letras e o polimento social de que podiam carecer ao tempo em que, crianças ou jovens, partiram de Portugal, muitos outros brilhariam mais pelas qualidades de trabalho e pelo *acumen* negocial que os conduziu à riqueza, do que pelas maneiras de salão, o cultivo do bom gosto ou a profundidade da cultura geral.

Poderia, deste modo, existir algum contraste entre o peso económico destas pessoas e as suas carências em matéria de educação formal ou do conhecimento das normas de etiqueta vigentes nos espaços ocupados pela alta burguesia nortenha. Terá naturalmente havido lugar a choques e desajustes quando esses dois universos sociais se interceptaram.

Muitos dos que prosperaram no Brasil, tendo conseguido uma abastança mediana e, em regra, tendo constituído e multiplicado família, por lá se foram deixando ficar. Outros regressaram, em melhores ou piores condições económicas, reintegrando-se, no país de nascimento, sem alarde de maior.

Há, contudo, o caso muito especial dos migrantes que regressaram realmente abastados ou, se se preferir, verdadeiramente ricos e que, sobretudo nos decénios em torno dos finais do século XIX e inícios do século XX, ficaram conhecidos em Portugal pela visibilidade que conseguiram atingir através de todo um conjunto de realizações de natureza económica, cujas repercussões sociais influenciaram tanto os locais regiões de origem como deixaram rasto em todo o país, tendo contribuído para a sua atualização e desenvolvimento.

A compilação de todas as informações incluídas no texto do Álbum da Colónia Portuguesa no Brasil, pela cobertura geral que proporcionam, fornece uma visão da época assente nas raízes que deram lugar ao património erguido perspectivando as vertentes social, cultural e económica que descrevem.

Olhar retrospectivamente a história dos Portugueses ligados ao Brasil não faz esquecer como entre eles se foram estabelecendo e se consolidaram sentimentos que os ligam a duas pátrias cuja referência é indissociável.

Referências bibliográficas

Primeiro Inquérito Parlamentar sobre a Emigração Portuguesa, 1873. Lisboa: Imprensa Nacional.

ALVES, Jorge Fernandes, 1994. *Os Brasileiros: Emigração e Retorno no Porto Oitocentista*. Porto: Ed. A., 1994.

ANACLETO, Regina; BERRINI, Beatriz, 2004. *O Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro.* São Paulo: Ed. Dezembro.

ARROTEIA, Jorge, 1983. *A Emigração Portuguesa: Suas Origens e Distribuição*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.

BASTOS, Daniel, 2012. *Santa Casa da Misericórdia de Fafe: 150 Anos ao Serviço da Comunidade*. Fafe: Santa Casa da Misericórdia de Fafe.

BRANCO, Camilo, 1882. *A Brasileira de Prazins*. Scenas do Minho. Porto; Ernesto Chardron.

BRANCO, Camilo, 1863. *Anos de Prosa*. Rio de Janeiro: Org. Simões.

BRANCO, Camilo, 1858. *O que fazem Mulheres: Romance Philosophico*. Porto: Cruz Coutinho.

CABRAL, António M. Pires, 1985. *A Emigração na Literatura Portuguesa: uma Colectânea de Textos*. Lisboa: Secretaria de Estado da Emigração, 1985.

CARQUEJA, Bento, 1916. *O Povo Português: Aspectos Sociais e Económicos*. Porto: Lello & Irmão Editores.

CÉSAR, Guilhermino, 1969. *O Brasileiro na Ficção Portuguesa: o Direito e o Avesso de uma Personagem-Tipo*. Lisboa: Parceria A. M. Pereira.

COSTA, Afonso, 1911. *Estudos de Economia Nacional: O Problema da Emigração*. Lisboa: Imprensa Nacional.

COSTA, D. António da, 1874. *No Minho*. Lisboa: Imprensa Nacional.

CASTRO, Ferreira de, 1928. *Emigrantes*. Lisboa: Livraria Renascença.

HERCULANO, Alexandre, 1983. *Opúsculos*. Lisboa: Presença.

DINIS, Júlio, 1868. *A Morgadinha dos Canaviais*. Porto: Livraria Civilização.

DIAS, Carlos Malheiro (org.), 1921. *História da Colonização Portuguesa do Brasil*. Porto: Litografia Nacional.

JESUS, Maria Saraiva de, 1995. "Imagens da Emigração na Literatura Portuguesa". *Revista da Universidade de Aveiro /Letras*, Aveiro, nº 12, p. 97-135.

LABOREIRO, Simão de, 1939. *A Obra Associativa dos Portugueses do Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. A.

LEITE, Carolina, 2008. *Fafe: As Casas dos Brasileiros*. Coimbra: C. Leite.

MARCELINO, Alípio Rocha, 1995. *Ferreira de Castro e o Brasil*. São Paulo: Editora Ipê.

MARTINS, Oliveira, 1956. Fomento Rural e Emigração. Lisboa: Guimarães.

MATOS, Júlio de, (fotog.), 2008. Casas de Brasileiro. Vila Nova de Gaia: DeMatos Designer.

MONTEIRO, Miguel, 1991. Fafe dos "Brasileiros" (1860-1930): *Perspectiva histórica e patrimonial.* Fafe.

MONTEIRO, Miguel, 2001. "Representações Materiais do "Brasileiro" e Construção Simbólica do Retorno". *Revista de Leituras e Culturas Lusófonas*, nº 11, 100-119, Out-Dez 2001.

MURALHA, Pedro, 1927. *Portugal no Brasil*. A Colonização Portuguesa, [s.l.; s.n.], VII, [5].

NENO, Pinho, 1989. *Morrer no Brasil*. Lisboa: Veja, D.L.

QUEIRÓS, Eça de, 1890-91. *Uma Campanha Alegre*. Lisboa: Companhia Nacional Editora.

RESTELLINI, Marc, (dir.), 2013. *L'Art Noveau: La Révolution Décorative*. Paris: Pinacothèque de Paris: Skira.

ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz; Roseta, Helena, 1985. *O Sonho do Emigrante*. Lisboa: Universidade Aberta/RTP (4 videogramas VHS, PAL, col. 1h 44m).

ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz, 1986. "Refluxos Culturais da Emigração Portuguesa para o Brasil". *Análise Social*, vl. XXII (50), p. 135-156.

ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz, 1988. "Espaços de Herança Cultural Portuguesa". *Análise Social*, vol. XXIV (100), p. 313-351.

ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz, 1997. "Intelectuais e Artistas Portugueses da Diáspora: A Emergência do Talento". *Revista das Comunidades de Língua Portuguesa, Intelectuais e Artistas da Diáspora.* Poetas da Língua Portuguesa. São Paulo: [s.a.], n.º 10/11, II Série., p. 9-33, janeiro/junho.

ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz; 2000. *Caeiro, Domingos, Portugal-Brasil*. Migrações e Migrantes 1850-1930. Lisboa: Inapa.

ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz, 2009. "A Projecção Educativa das Associações Portuguesas no Brasil". In: *Não Poupes no Semear: 30 Anos de Comunicação. Coimbra*: Pé de Página, p. 145-158.

RODRIGUES, Ondina António, 1999. Imigração Portuguesa no Brasil. São Paulo: Memorial do Imigrante.

ROWLAND, Robert, 2001. "Manuéis e Joaquins: A Cultura Brasileira e os Portugueses". *Etnográfica*. Lisboa: Celta, pp. 157-172.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da, 1990. *Filantropia e Imigração – A Caixa de Socorros de D. Pedro V*. Rio de Janeiro: Sociedade Portuguesa.

SIMÕES, Nuno, 1934. *O Brasil e a Emigração Portuguesa*. Coimbra: Imprensa da Universidade.

TORGA, Miguel, 1969. *A Criação do Mundo*. Coimbra: Ed. A.

VIEIRA, Nelson, 1991. *Brasil e Portugal: A Imagem Recíproca*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa: Diálogo: Fronteiras Abertas.

VILLANOVA, Roselyne; LEITE, Carolina; Raposo, Isabel, 1994. *Maisons de Rêve au Portugal*. Paris: Editions Créaphis.

Anexo Iconográfico

Camilo Castelo Branco, 1861 e 1865